A GUERRA DO SERTÃO COMO “EVENTO DE MÍDIA” NA EUROPA DE 1897¹

Berthold Zilly

Quando estava trabalhando na tradução de *Os Sertões*, refletindo sobre a possibilidade de trazer uma realidade tão distante e estranha quanto a Guerra de Canudos às paragens da língua de Goethe e de Thomas Mann, dei-me conta de que outros, quase cem anos antes, já haviam escrito sobre Canudos em alemão, redatores anônimos, por exemplo, de um jornal berlinense, *Vossische Zeitung*.² Se aquela campanha militar foi moderna no sentido de ser orquestrada por uma ferrenha campanha propagandística na imprensa do país,³ ela também o foi por sua repercussão internacional. Embora evento intrinsecamente brasileiro, muito interiorano, bem nos limites e quase fora do mundo civilizado, a Guerra de Canudos foi provavelmente o primeiro conflito interno do Brasil a tornar-se “evento de mídia” internacional, havendo uma estreita relação entre a sua modernidade e a sua internacionalidade. Fora do Brasil, no entanto, na Alemanha por exemplo, o assunto recaiu logo depois no esquecimento quase completo, por longas décadas, para voltar aos jornais só nas resenhas das traduções de *La guerra del fin del mundo*, de Vargas Llosa, em 1982, e em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, em 1994, desta vez não no noticiário internacional e político, mas nos folhetins e suplementos culturais.⁴ Assim, nos últimos cem anos, Canudos passou do plano “real” ao da representação estética, processo normal em assuntos que se tornam históricos, distantes da realidade hodierna, “irreais” de certo modo, ou seja, literários.

Os artigos da imprensa alemã de 1897 sobre Canudos me foram de alguma utilidade na tentativa de imaginar o estilo em que um autor alemão da época poderia ter escrito sobre o longínquo sertão baiano, pois parecia que o assunto era um pouco avesso ao meu idioma, apesar das obras traduzidas com temática sertaneja de Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e outros autores brasileiros. É que a literatura alemã, diferentemente da inglesa e francesa, sem o pano de fundo histórico de vastos

Berthold Zilly é professor na Universidade Livre de Berlim, Alemanha.

impérios coloniais, relativamente pouco tematizou realidades extra-europeias, não precisando desenvolver, portanto, um rico instrumental terminológico para captá-las, a não ser em pesquisas científicas e etnográficas, como nas de Spix e Martius, realizadas ainda no reino de Dom João VI, mas cujos relatos não entraram nos cânones literários alemães. Até o berlinense Alexander von Humboldt, que além de grande naturalista foi um grande prosador, se serviu da língua francesa para escrever a sua obra monumental *Voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent, fait en 1799, 1800, 1802, 1803 et 1804*, de trinta volumes, publicada em Paris a partir de 1807 e nunca traduzida ao alemão na íntegra.

Os anônimos pioneiros dos discursos sobre Canudos em língua alemã ou francesa, há um século atrás, tiveram de certa forma um papel semelhante ao meu, ou seja, eles foram tradutores, não do português, mas principalmente do inglês. E foram sobretudo parafraseadores, compiladores, comentaristas, intérpretes de notícias e artigos que, por sua vez, já eram em grande parte traduções, paráfrases, compilações, mutilações, comentários e interpretações de notícias chegadas do sertão às redações de Salvador da Bahia, de São Paulo e principalmente do Rio de Janeiro, de lá transmitidas para as agências noticiosas de Londres, de onde seguiam para as redações de Berlim ou Paris, tendo às vezes passado também por Nova Iorque, Lisboa ou Buenos Aires. Assim, as informações e desinformações sobre Canudos foram pipocando e ricocheteando pelos dois lados do Atlântico.

É que a “aldeia global” não foi inventada por nossa época; sob certos aspectos, ela já nascera no século XIX com a expansão internacional do telégrafo que acelerou vertiginosamente a integração econômica, financeira, cultural do mundo. Graças aos cabos submarinos, informações textuais de todos os tipos, fossem elas públicas, particulares ou secretas — eventos políticos, catástrofes, boatos, cotações nas bolsas de valores, apostas de turfe —, corriam pelo mundo em poucos instantes.⁵ Claro que essas informações eram bem menores em número e extensão do que hoje, e sua forma de expressão era exclusivamente a palavra escrita, pois o telégrafo não podia transmitir nem sons, nem imagens, nem mensagens muito longas, por serem caríssimas. Mas, a velocidade era quase a mesma do fax e do e-mail, de modo que a mídia da época já era a “indústria mais rápida do mundo”, capaz de fazer chegar em poucos minutos todos os acontecimentos considerados importantes ao conhecimento das redações e, no dia seguinte, ao da opinião pública em todo o mundo civilizado. Esta, por sua vez, deve ter considerado a Guerra de Canudos tão importante que a transformou em notícia internacional, durante pelo menos oito meses, de março a outubro de 1897.

Na verdade, a inserção dessa campanha no contexto mundial já tinha começado antes com o armamento europeu do exército e com o envio de canhões Krupp, Whitworth, Canet, de metralhadoras Nordenfelt, fuzis Mannlicher, Mauser e Comblain ao sertão baiano. Mas a dimensão internacional da Guerra de Canudos transcende a participação da indústria bélica europeia, é mais complexa e profunda. Várias vezes, Euclides da Cunha, na Nota preliminar e alhures em *Os Sertões*, com muita lucidez, chamou a atenção para o caráter paradigmático do conflito na História Universal, vendo nele um episódio na expansão secular da Civilização que, tão sedutora quanto violenta, ou integra ou esmaga as sociedades tradicionais no mundo inteiro. E nessa investida da modernidade, apoiada pelas elites nacionais e regionais do Brasil, contra as culturas tradicionais, contra o Brasil interiorano e atrasado, isto é, contra a plebe e parte da pequena burguesia rurais, os militares brasileiros e seus aliados intelectuais desempenharam o papel de “mercenários inconscientes”.⁶ O exército nacionalista e jacobino, por uma “astúcia da história” hegeliana, prestou ingenuamente um serviço cruento às potências europeias, acabando com algo que parecia uma vergonha, um estorvo para o avanço da civilização nos sertões. A fim de mobilizar e motivar não só a tropa mas a opinião pública, era preciso afirmar a irracionalidade e a criminalidade do inimigo, caluniar de “jagunços”, “fanáticos” e “rebeldes” aqueles sertanejos que, no fundo, queriam simplesmente resolver os seus problemas materiais e espirituais de maneira autônoma e pacífica, bem longe do resto da sociedade, num arraial de pau-a-pique que era mais um refúgio de vítimas da civilização do que um antro de rebeldes.

Outro aspecto internacional da Guerra de Canudos é de ordem eclesiástica. Havia, não exatamente em Canudos, mas nos seus arredores, a presença de frades estrangeiros, como a do jovem frei Pedro Sinzig, franciscano alemão, da cidadezinha de Linz, na Renânia, portanto, perto daqui, que trabalhava como diácono e enfermeiro em Cansanção, sítio entre Queimadas e Monte Santo, a mais de cem quilômetros de Canudos, a serviço do Comitê Patriótico, dirigido por outro alemão, um tal Franz Wagner, e pelo jornalista Lélis Piedade, ambos residentes em Salvador da Bahia. Frei Pedro fez anotações sobre a guerra no seu diário, escrito em alemão, mas que nunca chegaram até a opinião pública alemã, saindo décadas mais tarde em português.⁷

Sabemos também que um dos primeiros testemunhos, embora bem parcial, foi da autoria de outro estrangeiro, do capuchinho italiano frei João Evangelista de Monte Marciano, que visitou Canudos em 1895, junto com dois outros padres, a pedido do arcebispo de Salvador, publican-

do no mesmo ano, na capital baiana, um relatório sobre a comunidade de Canudos, de papel nefasto por chamar a atenção do governo para a suposta necessidade de uma intervenção armada.⁸ Como detalhe anedótico da internacionalização da guerra no sertão seja mencionado ainda o fato de o general Artur Oscar ter bebido água mineral Apollinaris, importada da Renânia, informação que devo a Renato Ferraz. Outra importação foi a porcelana inglesa usada em Canudos, encontrada nas escavações feitas pela Universidade do Estado da Bahia.⁹ Enfim, Canudos não aconteceu fora, mas bem dentro do mundo civilizado, já na época bastante unificado pelas trocas de mercadorias e informações.

Claro que a opinião pública europeia tinha todo interesse na vitória do Governo, pré-condição da estabilidade política e da continuidade dos negócios, de modo que ela se tornou uma aliada moral do exército e de boa parte da intelectualidade no Brasil. É verdade que alguns letrados brasileiros como Euclides da Cunha, embora partidários do progresso civilizatório, se indignaram diante do modo pouco civilizado com que a Civilização foi imposta aos sertanejos, adivinhando que em Canudos se aniquilou uma experiência social que talvez valesse a pena deixar desenvolver-se, o que explica o tom acusatório e ao mesmo tempo trágico de *Os Sertões*. Essa crítica, que apareceu com poucas exceções só no final da guerra no Brasil, naturalmente falta nos jornais europeus que refletem preponderantemente, com poucas variações, a visão das elites “esclarecidas” do Brasil durante o conflito, sem partilhar do seu tardio “mea-culpa”.¹⁰

Euclides exagerou, portanto, quando disse que a História não iria até ali, que o sertão era o “homizio”,¹¹ que as “loucuras e os crimes” cometidos lá em nome da nação e da civilização ficariam não só impunes como até desconhecidos. O leitor contemporâneo em Berlim, Paris ou Londres, interessado pelos eventos no distante sertão baiano, podia se informar relativamente bem, geralmente do ponto de vista do exército e do governo, é verdade, mas com a possibilidade de imaginar parte dos horrores ocorridos, de modo que aquela guerra no fundão do Brasil teve como espectador quase o mundo inteiro, ou melhor, os letrados do mundo ocidental. Se a imprensa estrangeira não podia deixar de ser unilateral, era-o talvez num grau menor do que alguns jornais brasileiros, pois na Europa havia menos interesses diretamente envolvidos. Quanto à posteridade, foi principalmente o próprio Euclides que, graças ao seu “livro vingador” e “de ataque”, deu expressão duradoura à indignação pelos crimes da civilização, indignação essa que foi se divulgando graças às traduções e adaptações pelo mundo afora, anos e décadas depois, até

aos nossos dias, transformando-se numa acusação contra o exército e a civilização perante o tribunal da História. Portanto, aquilo que já foi tema mundial está voltando a sê-lo, dessa vez com o “mea-culpa” também da opinião pública estrangeira. O próprio Euclides, o jornalista-historiador-escritor da guerra, ciente da dimensão internacional do assunto, já se empenhara, em vão, aliás, por uma tradução de *Os Sertões* para o francês, língua franca dos homens de letras da época.¹²

O fato de a Guerra de Canudos ter entrado no noticiário internacional não passou despercebido no Brasil da época, sendo o grande artigo do *The Times*, de 12 de junho, por exemplo, citado em jornais portugueses e brasileiros.¹³ Até se forjaram imaginárias notícias estrangeiras para “provar” uma conspiração monarquista internacional, com ramificações nos Estados Unidos e na Europa, campanha de que Euclides falou também, sem lhe dar muito crédito.¹⁴ Inventou-se justamente aquilo de que os canudenses careciam tão urgentemente e cuja ausência foi uma das causas da sua derrota: o apoio por parte de aliados nas cidades litorâneas e no exterior.¹⁵

Se não faltavam notícias sobre Canudos para os contemporâneos no mundo ocidental, faltavam, sim, contranotícias do ponto de vista do próprio Conselheiro e dos seus seguidores para neutralizar e retificar as matérias quase sempre anticonselheiristas e caluniadoras que saíam na imprensa brasileira e internacional. Canudos vivia quase num gueto informacional e ideológico. O intercâmbio comercial entre o arraial e o litoral¹⁶ não tinha nenhuma contrapartida no plano das informações e opiniões. De certo modo, a cidade, a civilização, as elites que não queriam nada saber de Canudos, mandavam para lá, esporadicamente, a sua visão das coisas, pela última vez através da missão do já mencionado capuchinho italiano que, a pedido do arcebispo da Bahia, tentou persuadir os canudenses a abandonar o arraial e a voltar para as suas respectivas terras de origem. Eles tinham toda razão em ver no missionário uma espécie de espião do governo e do exército,¹⁷ pois o que ele levou para o litoral foram informações estrategicamente importantes, mas não a autoimagem e a autolegitimação dos canudenses, que não interessavam a ninguém. Sílvio Romero e outros estudaram a cultura sertaneja, é verdade, mas com um olhar distanciado e condescendente de folclorista e etnógrafo.¹⁸ Canudos era objeto, mas não sujeito de informações.

Depois de 1895, a “Civilização”, a aliança Estado-Igreja-imprensa-intelectualidade não achou mais necessário levar o seu próprio ponto de vista ao sertão. Os canudenses eram considerados tão desimportantes ou tão inacessíveis ideologicamente que os fazedores da opinião públi-

ca nem se dignaram a dirigir-lhes a palavra, limitando-se à sua difamação perante a opinião pública nacional e internacional, da qual os sertanejos obviamente estavam excluídos. Essa campanha propagandística não era um embate de idéias e emoções, não procurava rebater nenhuma contrapropaganda dos conselheiristas, que não existia. Era um fluxo de idéias de mão única e até circular: partia dos letrados do litoral e destinava-se a eles mesmos, atizando o ódio contra os conselheiros. Em Canudos não chegavam jornais, nem se criou escola municipal, nem para lá se mandou outra missão, depois da frustrada de frei João Evangelista. Não havia notícias e idéias enviadas ao arraial, ou partindo de lá. Tanto que a primeira expedição, na verdade uma primeira invasão, não foi precedida ou acompanhada de nenhuma ofensiva informativa ou propagandística contra os sertanejos, que não receberam nenhuma advertência, reivindicação, ameaça, oferta de negociação. Para com eles a civilização foi surda e muda, usando como única linguagem o Comblain e a bala, como diz Euclides da Cunha.¹⁹

Isso diferencia profundamente o movimento de Canudos de um atual movimento rural latino-americano, também manchete dos jornais europeus, o de Chiapas. Se este está sobrevivendo por enquanto, isto se deve em parte ao fato de que tentou e conseguiu quebrar o monopólio informacional da mídia dominada pelas elites nacionais e internacionais, divulgando a sua própria visão de fatos e perspectivas, criando uma espécie de lobby em escala mundial. Graças à moderna tecnologia de comunicações e graças à colaboração de especialistas em mídia, o movimento de Chiapas conquistou consideráveis simpatias entre os representantes da civilização urbana, especialmente entre intelectuais dentro e fora do México. O movimento camponês de Canudos, ao contrário, era o de uma comunidade relativamente iletrada, sem acesso à imprensa da época e à produção literária,²⁰ e só póstuma e indiretamente a sua voz começou a ser ouvida fora do seu perímetro geográfico e social,²¹ de modo que os canudenses mortos têm melhor lobby do que tiveram os vivos — e do que têm os seus bisnetos hoje.²²

Vou me concentrar aqui — ficando para outra oportunidade o exame de outros jornais europeus, norte-americanos (p.e. o *New York Herald*) e hispano-americanos (sobretudo *La Nación*, Buenos Aires) — em três grandes jornais representativos da Europa: *Vossische Zeitung* (Berlim), *Le Temps* (Paris), *The Times* (Londres). Posso me limitar a breves comentários, pois alguns dos artigos mais representativos serão traduzidos ou transcritos no apêndice.²³

De março a outubro 1897, ou seja no período da quarta expedição,

o *Vossische Zeitung*, grande diário liberal berlinense, impresso em letras góticas como era de praxe na Alemanha, fundado no século XVIII e de certa forma fiel ao espírito das luzes até o seu fechamento pelos nazistas em 1933, publica 17 artigos (ou breves comunicações) sobre o Brasil, dos quais 15 tratam de Canudos, tendo sete mais de 30 linhas, aparecendo sete — não necessariamente os mesmos — na primeira página.²⁴ Tanto o jornal alemão como *Le Temps* indicam basicamente quatro fontes: *The Times*, a agência noticiosa *Reuter*, ambos de Londres, o *New York Herald*, tendo os três correspondentes no Brasil, isto é, no Rio de Janeiro; e além disso as declarações do próprio governo, seja através da Diário Oficial, seja através das legações brasileiras no exterior.²⁵ Pois o governo brasileiro achou oportuno intervir diretamente, dentro e fora do país, na produção e divulgação de informações sobre esse conflito interno. No próprio teatro de guerra, contrariamente a boatos contemporâneos e ficções posteriores, não havia estrangeiros, e muito menos na qualidade de correspondentes.

O jornal alemão, moderno na cobertura de eventos internacionais, não o é em termos formais, pois os artigos e notas geralmente não têm títulos de verdade, a não ser — e nem sempre — rubricas bastante genéricas como “América”, sob as quais se encontram freqüentemente várias notícias sobre países e assuntos vários. Assim, uma matéria pode passar facilmente despercebida aos olhos do leitor, que, quando procura um artigo sobre determinado assunto, às vezes só é ajudado pela impressão espaçada de uma palavra-chave. Outro traço conservador que torna a leitura do *Vossische Zeitung* um tanto penosa, é a falta de parágrafos, mesmo em artigos longos.

É interessante observar que nos três jornais examinados há uma certa inflação de artigos e pequenas notas em julho e agosto, seguida de uma certa escassez em setembro e outubro, embora estes últimos meses fossem repletos de eventos decisivos. Isso talvez se deva ao fato de o verão europeu ser uma estação pobre em acontecimentos e portanto em notícias de caráter político, fenômeno conhecido na Alemanha como “Sommerloch” (buraco de verão), ao passo que costuma haver abundante safra de notícias no outono europeu.

No período examinado *The Times* publica 22 artigos sobre o Brasil, dos quais 15 tratam direta ou indiretamente de Canudos.²⁶ Fora do período, em 9/11, embora o assunto não seja a guerra, o jornal a lembra indiretamente quando notifica o atentado ao presidente Prudente de Moraes de 5 de novembro, em que morreu não ele, mas o marechal Bitencourt. Os artigos são, na maioria, relativamente curtos, tendo na mé-

dia de 10 a 20 linhas, salvo dois enormes, um dos quais trata também de Canudos, o já mencionado de 12 de junho. Sabe-se que o *Times* da época não tem artigos na primeira página, onde só aparecem anúncios pagos de caráter privado como nascimentos, casamentos, óbitos. Cada matéria já tem título, embora sem destaque, que geralmente é o nome do país ou da região de que trata, "Brazil", no caso, raramente também "The South American Republics", quase sempre sob a rubrica geral "Latest Intelligence". É o jornal mais completo em termos de informações internacionais, visivelmente com ambições quase enciclopédicas e com bastante ênfase em assuntos econômicos.

No período em questão, *Le Temps* publica 28 artigos sobre assuntos brasileiros, quase todos muito curtos, salvo uma "carta do Brasil", escrita em 28 de setembro e publicada em 23/10, que, sem falar de Canudos, trata da situação econômica, e os longos artigos de 25/7 e de 25/10, com notícias sobre a guerra. Dessas matérias, 22 tratam de Canudos, pelo menos indiretamente, como por exemplo por ocasião do assassinio do diretor de um jornal monarquista, Gentil de Castro, depois da derrota de Moreira César, em março de 1897.²⁷ Todos os artigos, menos as poucas correspondências, aparecem invariavelmente sob o título genérico "Brésil", dentro da rubrica "Nouvelles de l'étranger". Os mais curtos geralmente não indicam a fonte da informação. Um dos artigos, que na verdade é uma nota curta, aparece na primeira página, a propósito das negociações sobre a fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa. *Le Temps* é o jornal que dá maior cobertura aos distúrbios na política interior, principalmente aos decorrentes do assassinio do marechal Bittencourt em 5 de novembro de 1897. Também já notifica as discussões em torno das candidaturas para as eleições presidenciais de 1898.

De um modo geral, pode-se dizer que entre os três tipos de cobertura da Guerra de Canudos na imprensa brasileira, observados por Walnice Nogueira Galvão — a representação sensacionalista, a galhofeira, a ponderada —, os jornais estrangeiros preferem o último tipo. Eles ligam repetidas vezes, mais do que a imprensa brasileira, o noticiário sobre Canudos a outras perturbações da ordem pública, a sedições e golpes, a crimes políticos, a deficiências administrativas, à corrupção, a problemas econômicos e financeiros, à dívida interna e externa, sem que, no entanto, seja apresentada uma imagem catastrófica do Brasil. De vez em quando, o noticiário fala da Guerra de Canudos junto com distúrbios em outros países latino-americanos, por exemplo no Uruguai ou na América Central. Geralmente o Brasil aparece depois dos Estados Unidos, ou depois das colônias européias na África ou na Ásia, às vezes também de

permeio a notas internacionais diversas, entre elas os típicos conflitos da época, a “Porta” (Turquia), Cuba, Filipinas, Transvaal, Sérvia (já naquela época), Abissínia e outros. No *Temps* encontram-se, às vezes na mesma página, notícias sobre o caso Dreyfus ou sobre os preparativos para a Exposição Universal de 1900 na capital francesa. Salta aos olhos que a opinião pública europeia é mais eurocêntrica do que hoje, interessando-se pouco por assuntos não ligados à própria Europa e às suas áreas de influência, de modo que até o Japão, que já é uma grande potência, pouco aparece, a não ser no *The Times*. O Brasil, importante comprador de produtos manufaturados e fornecedor de matérias-primas, tem um certo peso na perspectiva das elites européias, embora haja exceções. Um caso extremo de visão limitada e até provinciana é *Le Figaro*, que praticamente nada notifica sobre a América do Sul.

O interesse europeu pela Guerra de Canudos, esporádico em janeiro e fevereiro, passa a ser constante a partir da derrota da expedição Moreira César, a terceira, em 3 de março. No essencial, os jornais analisados não contestam as afirmações oficiais do governo, torcendo claramente pela vitória das armas legais. A única crítica, se ela existe, se refere aos numerosos comunicados precipitados de vitória a partir de julho de 1897, a erros de estratégia militar, assim como a suspeitas de corrupção baseadas obviamente nas correspondências de Manuel Benício no *Jornal do Commercio*, citado expressamente pelo *Times* de 12/6 e pelo *Temps* de 25/7. Nota-se, nos três jornais europeus, apesar de algumas vacilações e contradições, certa cautela em relação à tese da conspiração monarquista, mas aceitam-se de melhor grado as do messianismo e do fanatismo, assim como a do caráter insurrecional do movimento de Canudos, uma caracterização facilitada pelo fato de as palavras “messias”, “fanático” e “rebelde” serem praticamente internacionais. Outro conceito-chave da imprensa brasileira, mais depreciativo ainda, “jagunço”, não se presta a uma fácil assimilação em outras línguas, de modo que nem é usado nem parafraseado na Europa, apesar de aparecerem às vezes expressões análogas, como “os bandos de Conselheiro”. Mas os termos mais usados para denominar os canudenses são “fanáticos” e “rebeldes” ou “insurgentes”. É raríssima, na época, a adoção de um termo especificamente brasileiro por parte de jornalistas europeus, como por exemplo “sertão”, prática relativamente freqüente hoje em dia. Por outro lado, na escrita sóbria e relativamente objetiva dos jornais contemplados, especialmente do *Times*, não caberiam atributos heroizantes para o exército, que, por outro lado, também não é acusado de atrocidades, ficando os crimes de guerra ignorados ou silenciados. De um modo geral, os jornais europeus da época,

apesar das críticas à desorganização das finanças e à falta de segurança pública, levam o Brasil bem mais a sério do que o general De Gaulle cerca de setenta anos mais tarde.

Vamos comentar rapidamente determinados artigos, sobretudo os reproduzidos no apêndice: Os do *Vossische Zeitung* de 12/3/97 e do *The Times* de 9/3/97, sendo o primeiro em grande parte uma tradução do segundo, apresentam na última frase uma observação inteligente, que vislumbra o caráter defensivo do movimento, prevendo ao mesmo tempo o seu potencial agressivo e insurrecional, como reação à própria repressão, idéia retomada várias vezes depois pelo *Times*. Este, mais ainda do que o *Vossische Zeitung*, mostra certo ceticismo em relação à periculosidade do arraial de Canudos, embora não tenha uma linha claramente definida na avaliação da guerra que, sem ser um evento desprezível, não tem um significado vital para as potências européias. Assim, o noticiário vai seguindo um pouco os acasos das informações às vezes divergentes que chegam do Brasil.

O próximo artigo na *Vossische Zeitung* sobre Canudos é de 3 de abril, mas se baseia em telegrama da agência Reuter do Rio de 10 de março, retomando e complementando as informações do artigo anterior no mesmo jornal, num estilo bastante paratático e lacônico, explicável talvez pelo telégrafo. É óbvia a preocupação de explicar a espantosa derrota da expedição Moreira César sem criticar demais o seu comandante, reduzindo os seus erros a certa ingenuidade e à subestimação do número de inimigos que, por sua vez, é exagerado assim como também é exagerado o número dos soldados mortos em combate, que na verdade não excedeu 130, ou seja um décimo da tropa, sendo, aliás, o exagero do número de soldados mortos uma tendência geral nos jornais brasileiros e europeus. A tese da conspiração monarquista é referida como boato. Na contagem das expedições, não se leva em consideração a de Pires Ferreira, de modo que a de Febrônio de Brito seria a primeira. O autor do artigo não concebe a possibilidade de o povo de Canudos resistir até à última bala e até ao último combatente, antes prevê a possibilidade de os sobreviventes se constituírem em guerrilha, sem arraial fixo, idéia diversas vezes aventada na imprensa estrangeira, quase até o fim da guerra. E realmente, do ponto de vista estritamente militar e também humano, seria mais racional os conselheiristas abandonarem Canudos em setembro, antes de o cerco se completar, para, evitando a derrota total, salvar a vida e, eventualmente, renovar a guerrilha a partir dos fundos do sertão baiano, onde o exército da época, ainda sem caminhões, tanques e força aérea, não os poderia perseguir. Visivelmente, o autor gostaria

de dar palpites ao governo, para apoiá-lo na luta contra os inimigos desconhecidos que agora são chamados de “rebeldes” e “insurgentes”, enquanto no primeiro artigo figuravam como “fanáticos” apenas, termo polêmico freqüente na linguagem do iluminismo anticlerical do século XVIII e da Revolução Francesa, fonte de inspiração dos republicanos radicais no Brasil. Se a legitimidade de uma guerra contra meros fanáticos, desgarrados mentais e ideológicos, poderia eventualmente ser posta em dúvida, contra insurgentes não há como hesitar, pois subvertem a ordem estabelecida. Neste e noutros artigos, a imprensa estrangeira evoca o perigo de que as capitais do litoral possam ser invadidas pelos sequazes do Conselheiro, preocupação também dos jornais brasileiros, como refere Euclides da Cunha.²⁸

Quanto à expedição Moreira César, *Le Temps* de 9/3/97 apresenta um noticiário bastante completo, apesar de vários erros quanto ao número de mortos e às relações entre o coronel e o presidente da República. Indiretamente pelo menos, o leitor francês é informado do procedimento possivelmente ilegal e cruento das forças governamentais, comandadas por um oficial de notória ferocidade.

Dia 3 de junho o *Vossische Zeitung* publica por sua vez, na primeira página, longo artigo sobre a situação no Brasil, em que a Guerra de Canudos é tema importante, sendo relatados também outros distúrbios, atribuídos à situação econômica: “[...] Considera-se como causa principal de todos estes acontecimentos inquietadores a triste situação dos negócios assim como a carestia de todos os bens de consumo como consequência da moeda-papel; além disso estariam implicadas também maquinações monarquistas. [...]” O jornal dá mais detalhes sobre a derrota da expedição Moreira César, divulgando uma imagem pouco heróica daquela campanha. Em julho e agosto notifica diversas vezes prematuramente a vitória definitiva do exército, erro provocado por telegramas triunfalistas do general Artur Oscar, citados também de boa fé na imprensa brasileira.

O maior artigo jamais publicado sobre Canudos fora do Brasil naquela época deve ser o do *Times* de 12 de junho, reproduzindo uma carta do seu correspondente no Rio de 6 de maio. O telégrafo não se prestava a comunicações tão extensas, e elas seguiam geralmente de navio, principalmente em casos de pouca urgência, como este. Em maio não aconteceu nada de dramático na guerra que exigisse a publicação imediata do artigo, de modo que ele pôde sair cinco semanas depois de escrito sem perder nada da sua atualidade, já que as tropas da quarta expedição nem sequer tinham chegado às imediações do arraial. Por conseguinte, a cor-

respondência não usa um estilo telegráfico, apropriado para relatar acontecimentos de última hora; pelo contrário, seu raciocínio, ora descritivo ora analítico, lança mão de uma sintaxe elaborada, embora não complicada. Que se saiba, é o único artigo estrangeiro contemporâneo a ter alguma repercussão no Brasil.²⁹ É extremamente rico em informações e reflexões, interessantíssimo, extenso, de duas colunas inteiras. Faz um histórico exaustivo e crítico da guerra até início de maio, colocando-a no seu contexto político e econômico nacional, de modo que acaba dando um painel abrangente da “situação no Brasil”, conforme o título apropriado. Apóia-se em grande parte na imprensa brasileira, por exemplo no *Jornal do Commercio*, de modo que temos aí um verdadeiro intercâmbio de informações e avaliações, um diálogo entre órgãos de imprensa dos dois lados do Atlântico. Transcrevi, no apêndice, pouco mais da metade do artigo, deixando de lado a maior parte das informações de caráter puramente econômico. O correspondente deixa de veicular as teses do messianismo e do monarquismo, atenuando pelo contrário as alegadas superstições dos sertanejos sobre a sua imediata ressurreição depois de morrerem no combate. Deixa transparecer também, apesar do uso freqüente de termos como “rebeldes”, um certo ceticismo em relação à tese de Canudos ser uma insurreição.

O autor do artigo chama a atenção para a instabilidade política e econômica do Brasil, agravada mas não provocada pela guerra. Parece até fazer uma alusão a irregularidades nos contratos entre o exército e os fornecedores. Fica evidente um *leitmotiv* da imprensa estrangeira, e especialmente do *Times*, ou seja o nexo entre a Guerra de Canudos e a situação financeira e econômica do Brasil. A campanha, caríssima como todas as guerras, é um ônus adicional para o já precário orçamento da União, prejudicando também a confiança do exterior na República e, portanto, o crédito internacional do Brasil. O correspondente deixa transparecer um certo ceticismo geral em relação ao novo regime e uma quase nostalgia pelo extinto Império, atitude não detectável nos outros jornais europeus contemplados.

Curiosamente, o grande assalto fracassado do exército de 18 de julho, um marco nas narrativas contemporâneas sobre a Guerra de Canudos, passa quase despercebido pela imprensa estrangeira, pois mesmo através dos jornais brasileiros não é fácil entender o que ocorreu realmente naquele dia, devido à censura exercida no posto telegráfico de Monte Santo.

Em artigo do *Vossische Zeitung*, de 10/8, é levantada pela primeira vez a tese do comunismo como princípio de organização igualitária da

comunidade de Canudos,³⁰ como também é elogiada a sua disciplina interna, coincidência curiosa com frases posteriores em *Os Sertões*. Em 24/8 o mesmo diário faz-se eco das preocupações do exterior com a suspensão do serviço da dívida externa do Brasil, assunto retomado em 11/9. Ainda em 4/10, portanto um dia antes da queda definitiva de Canudos, o jornal alemão notifica: “Parece que as forças legais não conseguiram tomar a praça forte dos fanáticos, dos adeptos de Conselheiro”.

Mas o maior artigo que encontrei nos jornais europeus, exceto o do *Times* de 12/6, é de 8 de outubro, na primeira página do *Vossische Zeitung*, com a notícia da tomada de Canudos, sem indicação de fonte além de uma declaração do próprio governo brasileiro. Este apressou-se em divulgar imediatamente a nova da vitória, há meses esperada ansiosamente, pois sabia do efeito desastroso da guerra para a imagem do país no exterior. Claro que nesse artigo, que faz um histórico e um balanço da guerra, entraram também informações e avaliações de outras fontes, correspondências dos seis meses anteriores, porém com algumas recaídas em erros aparentemente já superados, por exemplo a tese da conjuração monarquista, talvez útil para explicar a longa duração da guerra, humilhante para o exército.³¹ Por outro lado, parece bastante acertada a estimativa de que Canudos tinha dez mil habitantes, cujo número tanto o exército como Euclides devem ter exagerado, alegando a existência de 5.200 casas, o que corresponderia a uma população de aproximadamente 25 mil pessoas.³² No resto, o noticiário do *Vossische Zeitung* é bastante exaustivo, mesmo se comparado com os jornais brasileiros daquelas semanas, de modo que os leitores alemães são informados quase tão depressa e tão amplamente quanto os brasileiros, tendo acesso aos mesmos fatos e e às mesmas mentiras propagandísticas.³³

O jornal ignora, porém, a total destruição do arraial, até pressupõe tanto a sobrevivência de Canudos como “cidade” quanto um processo movido contra Antônio Conselheiro, conforme as regras de um Estado de direito, naturalmente com a perspectiva da pena de morte. Pois não sabe que esta já foi oficialmente abolida no Brasil, contrariamente à Europa, onde ainda vigora na época, quase incontestada. As matanças sumárias e o extermínio a ferro e fogo de toda uma comunidade não entram na imaginação do redator do artigo. A biografia resumida do Conselheiro menciona mais ou menos corretamente as suas andanças como pregador nos sertões e como fundador de duas povoações, uma sem indicação de nome — trata-se, naturalmente, de Bom Jesus, a atual Crisópolis — sendo a outra Canudos. É interessante a ênfase dada ao seu papel como profeta e como messias, termo que aparece, junto com o de fa-

nático, em quase todos os artigos e notícias da imprensa estrangeira, sendo provavelmente tentativas de lidar com um fenômeno social insólito e inquietador, inserindo-o na história do cristianismo, tornando-o familiar para o leitor letrado. Chamar os soldados de “brasileiros” significa implicitamente expatriar os canudenses, excluí-los da nação,³⁴ equipará-los aos selvagens nas sedições simultâneas na África e na Índia. Enfocar a situação econômica como uma das causas da popularidade do Conselheiro é uma explicação quase “materialista”, não muito freqüente nos observadores brasileiros da época, incluindo Euclides da Cunha.

No *Vossische Zeitung* de 9/10/97, segue a notícia da morte do Conselheiro, sendo encerrado o assunto com um artigo de 18 linhas em 10/10/1897, que contém informações complementares, falando de três mil soldados mortos e feridos,³⁵ desta vez pondo em dúvida a hipótese da conspiração monárquica, sugerindo novamente a possibilidade de boa parte dos refugiados continuarem a viver e a lutar nos fundos dos sertões. É curioso o atributo “fanático” aparecer no artigo de 9/10/97 entre aspas, diferentemente da praxe comum nos jornais europeus e brasileiros; mas isso não significa necessariamente que a palavra seja usada com certa cautela. Seguem, sob a mesma rubrica de “América”, notícias sobre o estado de sítio na Costa Rica e sobre a guerra civil na Guatemala.

Para efeitos de comparação são reproduzidos três artigos do *Le Temps* sobre a queda de Canudos, o de 8/10/97 sobre a vitória do exército, o de 10/10/97 sobre a morte de Antônio Conselheiro, o de 25 de outubro, o mais longo que o diário parisiense jamais publicou sobre o assunto, com várias incorreções, por exemplo quanto ao número de prisioneiros, provavelmente um erro de dígito, mas com a observação procedente de que o fim da guerra foi um “massacre”. O mesmo jornal, nas semanas subseqüentes, dá ampla cobertura a outros eventos brasileiros, como as negociações sobre as fronteiras entre o Brasil e a Guiana francesa, sobre os problemas econômicos assim como a crise política interna desencadeada pelo assassinio do ministro da guerra, marechal Bittencourt, em 5/11/1897.

É curioso observar que o jornal mais citado por outros jornais, em se tratando de notícias internacionais, com correspondente próprio no Rio de Janeiro, ou seja *The Times*, divulgue, em termos quantitativos, menos notícias sobre Canudos do que os dois outros jornais europeus e que seja relativamente lacônico sobre o fim da guerra, relatado nas notas de 7/10 e 9/10/1897. Mal terminado este evento, o jornal londrino passa logo para assuntos considerados mais urgentes, por exemplo, a crise econômica assim como o conflito entre o governo e os jacobinos. O órgão cen-

tral das elites européias fica nos devendo um balanço da guerra.

Seria anacrônico, embora não supérfluo, perguntar por quenenhum dos jornais aqui estudados denunciou a degola e outras violações dos direitos humanos, conhecidos no Brasil, embora pouco divulgados devido à censura. Afinal, Canudos não foi uma guerra tão no fim do mundo assim. Mas a opinião pública européia estava acostumada a violentas expedições repressivas nos seus próprios territórios coloniais, numa época em que não havia a Anistia Internacional ou ONGs afins, ao passo que o tribunal de Haia quase só tratava de questões de fronteira e que a Cruz Vermelha não podia agir em guerras civis, muito menos fora da Europa. Talvez os correspondentes estrangeiros também não tenham achado conveniente comunicar fatos que poderiam ferir susceptibilidades nacionais e prejudicar desnecessariamente as boas relações entre o Brasil e a Europa.³⁶

**APÊNDICE:
SELEÇÃO DE ARTIGOS
DOS TRÊS JORNAIS CONTEMPLADOS:³⁷**

Vossische Zeitung, 12/3/1897:

América, Rio de Janeiro, 8 de março. (*Times*) Conforme as notícias que chegam aqui, o coronel Moreira César, como já se notificou, foi derrotado categoricamente pelos fanáticos liderados por Conselheiro dia 3 deste mês, perto de Canudos na Bahia, tendo morrido o próprio coronel. A notícia causou aqui enorme espanto e as ruas se encheram de pessoas agitadas. A causa da derrota foi a temeridade e a excessiva autoconfiança do coronel César. A tropa comandada por ele foi completamente derrotada e perdeu os seus principais oficiais, grande parte dos praças, assim como os seus canhões junto com as munições. Não há outros detalhes. O governo apressa-se em mandar outra tropa. Inicialmente, a resistência dos fanáticos não tinha importância, mas agora cresceu para o tamanho de uma insurreição perigosa.

The Times, 9/3/1897:

DISASTER TO A BRAZILIAN EXPEDITION

Rio de Janeiro, March 8.

News arrived yesterday of the disastrous defeat of Colonel Moreira Cesar by the Fanatics under Conselheiro at Canudos in Bahia on March 3. Colonel Cesar was killed. The news caused intense excitement here and the streets were filled with frenzied mobs. Three Monarchist news-

paper offices and one private residence were wrecked. The Monarchists are accused of assisting Conselheiro, but of this there is no evidence.

The demonstrations were renewed to-day, but were checked by a timely storm of rain.

A Monarchist newspaper office at São Paulo has also been wrecked.

The Canudos defeat was caused by the rashness and over-confidence of colonel Cesar. The expedition was completely routed, and lost its principal officers, a large number of men, and its artillery and munitions. Details are lacking.

The Government are hurriedly preparing a stronger expedition under Colonel Arthur Oscar. At first the resistance of the Fanatics had no political significance, but it has now become a dangerous insurrection. - Our Correspondent.

Vossische Zeitung, 3/4/1897:

América

[Segue primeiro um artigo sobre os Estados Unidos]

Rio de Janeiro, 10 de março. (Agência Reuter) As tropas legais enviadas contra o chefe dos fanáticos na província da Bahia, Antonio Conselheiro, sofreram uma completa derrota. Isso prova que a situação criada por esse movimento não deve ser subestimada. Conselheiro detém uma posição fortemente entrincheirada, quase inexpugnável nas montanhas. As tropas têm que atravessar um deserto sem água antes de encontrar o inimigo. Conselheiro tem recebido novas adesões provenientes dos Estados vizinhos. Até agora, o exército não conseguiu enfraquecê-lo. Conselheiro é um fanático religioso. Diz que é capaz de curar doentes e fazer milagres. Os seus sequazes o chamam de Jesus Cristo. Veneram o solo em que pisou e bebem a água em que tomou banho. Crêem que esta água cura todos os males. Conselheiro disse aos seus sequazes que ressuscitarão em menos de três meses caso sejam mortos em combate. Corre o boato de que é apoiado pelos monarquistas e pelos derrotados no levante do Estado do Rio Grande. Dizem que Conselheiro teria a intenção de atrair as tropas legais do Rio para o interior da Bahia a fim de tornar as cidades indefesas. Até agora o governo nem sabe quantos sequazes Conselheiro tem. Provavelmente subestimou muito o seu poder. A primeira expedição enviada contra ele tinha 400/500 homens. Foi completamente derrotada. Depois mandou-se o general Moreira Cesar com 1.500 homens da Bahia para Canudos. Dia 3 deste mês a vanguarda travou luta com o inimigo. O general Cesar acreditara que os revoltosos só tivessem 2.000 homens. Logo porém se verificou que contavam pelo

menos com 8.000 homens. Quando o grosso da tropa chegou, desenvolveu-se refrega violenta. Durou um dia inteiro. Depois as tropas legais se dispuseram a ocupar Canudos, a cidadela de Conselheiro, aparentemente abandonada. Com o grito de guerra "Viva a República", caminhavam por um vale profundo quando, de repente, foram atacados por 5.000/6.000 rebeldes, vindos dos morros e das furnas. As tropas tentaram bater em retirada. O que aconteceu. Mas o exército teve que abandonar toda a artilharia. Nem foi possível cuidar dos feridos. 600 soldados foram mortos. O próprio general Moreira Cesar morreu. 30 outros oficiais, entre eles dois coronéis, tombaram no campo da batalha. Os sequazes de Conselheiro teriam lutado como verdadeiros diabos. Usaram como arma principal os seus compridos facões. Os insurgentes agora estão na posse dos canhões e da munição dos vencidos, preparando-se para enfrentar uma nova expedição. Entretanto, esta já foi enviada pelo governo. Tem um efetivo de 7.000 soldados. Mas é muito improvável que essa força consiga mais do que simplesmente dispersar os rebeldes. Se estes fossem batidos, iniciariam uma guerrilha. As tropas legais hão de tomar cuidado de destruir todas as fortificações do inimigo.

Le Temps, 9/3/1897

Brésil

Le gouvernement brésilien avait envoyé, au commencement du mois dernier, 1,200 hommes de troupes de ligne, sous le commandement du colonel Antonio Moreira Cesar, contre les quelques milliers de fanatiques qui, ayant à leur tête le fameux messie de Bahia, Antonio Conselheiro, dont nous avons signalé les dangereuses menaces, troublent depuis quelques mois l'intérieur de l'Etat de Bahia.

Une dépêche de Rio-Janeiro [sic] annonce que, dans un engagement qui vient d'avoir lieu, le colonel Moreira Cesar, 3 officiers e plus de 200 soldats ont été tués par les fanatiques.

Cette nouvelle a causé une vive émotion à Rio où l'on soupçonne les monarchistes d'encourager les agitateurs de Bahia et de leur fournir les ressources et les armements dont ils disposent et dont on ignore la provenance. La populace a saccagé les bureaux des journaux monarchistes *Liberdade* e *Gazeta da Tarde* et a fait un autodafé avec leur matériel.

Le colonel Moreira Cesar, dont cette dépêche annonce la mort, est un parent par alliance du président Moraes. Il s'était acquis une certaine notoriété à la suite des nombreuses exécutions sommaires par lesquelles il réprima la révolte de 1893-94 dans son district militaire de Santa Catharina.

The Times, 12/6/1897:

THE SITUATION IN BRAZIL(From our Special Correspondent)

Rio de Janeiro, May 6.

Many causes exist to make the present situation a difficult and trying period in Brazilian history. The outburst of religious fanaticism in Bahia, a widespread feeling of political unrest, the great fall in the value of coffee, and, finally, the steadily continued depreciation of the currency, are facts tending to produce complications by no means easy to deal with. These various disturbing elements must be examined separately to appreciate fully their bearing on the present crisis.

In itself the movement headed by Antonio Conselheiro in the district of Canudos, situated some 250 miles north-west from Bahia, does not directly threaten any great danger to the central Government. For more than twenty years past this man has been travelling through the country endeavouring to raise religious enthusiasm amongst the more ignorant inhabitants of the interior sections of Bahia, Pernambuco, and other parts of the country further to the north. He has built chapels at many different points and systematically preached to all he could induce to listen to him of the necessity of absolute and unbounded faith. It is popularly supposed that Conselheiro also promises to his followers a speedy resurrection if they should be killed in defending his cause; his teaching is, however, rather intended to mean that a future life exists than that those killed in resisting the authorities should come back to life on earth. The people of these northern districts of Brazil are so thoroughly the children of superstition, part Portuguese, part Indian, and part African, that adherents have steadily flocked in to swell the following of this strange preacher. It is believed that Conselheiro can now count upon fully 12,000 able-bodied men to support him if needed. These men for the most part are armed, for it is the custom of the country to carry arms and, moreover, supplies of arms and ammunition have fallen into the hands of these fanatics from the expeditions unsuccessfully despatched by the Government from time to time to break up this curious community. It is only comparatively recently that the central Government determined to make any strong attempt to suppress this fanatical movement, and then only because of complaints that cattle stealing was becoming a serious nuisance and that constant contributions were being levied by the followers of Conselheiro. In consequence of the representations made by the authorities of Bahia a small detachment of troops were sent to Canudos early this year with orders to break up the encampment of the fanatics. The few men sent to the district were totally unable to effect their pur-

pose. Then a larger force was despatched, and this time met with armed resistance, suffering a complete defeat. In March last an expedition of 1,500 men under command of Colonel Moreira Cesar marched to Canudos; once again the fanatics were successful, the colonel being killed and his men scattered in all directions. Now a small army of 7,000 men of all arms has been sent to the district, and we have yet to see what they will be able to accomplish. The extreme section of the Republican party in Rio de Janeiro made the several defeats of the Government troops the occasion for accusing the Monarchists of being in league with Conselheiro in an attempt to overthrow the present Constitution and restore the Empire. For this accusation I am convinced there is no sort of ground, but, nevertheless, prominent Monarchists were mobbed, attacked, and even killed in three instances, whilst the excitement was at its height some six weeks ago.

The movement is not at present dangerous, inasmuch as Conselheiro has no wish to make any revolution against the central Government; but any such situation may develop into a source of danger when unscrupulous politicians are ready to hand to make use of the strength that the support of a large body of armed men can give them, and it is this possibility of intrigue in the future that is to be feared. One must also not lose sight of the fact, that should the troops be again defeated, the influence and prestige of Conselheiro may become so great as to be a serious menace to the country, and there is even the possibility of the movement expanding into a religious war of serious proportions. The cost of the expeditions to suppress the movement is the most disagreeable fact the Government is called upon to confront for the moment. Not only has the expense of the transport of troops and other contingencies to be borne by the Treasury, but money leaks away in the contracts for the supply of rations in a manner out of all proportion to value received — and it is the advantage of all these contractors that the campaign drags on for many months to come. Meanwhile, the Treasury is empty and the Government forced to incur fresh indebtedness to meet this unforeseen expenditure.

Turning to the general aspect of political affairs, there is small reason for congratulation at the present juncture. The more conservative element that grew up under the long era of peace in latter days of the Empire has almost completely disappeared. Anything of the character of Conservatism is now classified as Monarchism and held up to public execration. The men of tried experience who gave tone to Brazilian political life have died, been compelled to leave the country, or retired absolutely from any participation in politics. The result is a dearth of any

restraining influence in the councils of those who pull the Governmental strings, and the lack of this influence means the absence of a firm and common-sense policy in the affairs of Brazil. For the past seven years the country has drifted from bad to worse for want of a strong hand at the helm, the outcome now being a spirit of unreasonable restlessness and discontent. Nor do the Brazilians know what they want to satisfy themselves. The present situation is, of course, the result of those evolutionary changes through which every young nation must pass; but it is none the less most trying for all concerned, and on the satisfactory solution of it greatly depends the future of the country. [...]

A strong and very turbulent factor in the political situation to-day is the semi-military element that has sprung up as a result of the disturbed condition of affairs during the past eight years. This party is composed of violent Republicans, who imagine they see at every turn an attempt to restore the Monarchy. They are governed by no principles carrying respect for law and order. At the slightest provocation, often with none at all, a body of these men will organize a riot in the streets of Rio de Janeiro, attack their political opponents, and even go to the length of assassinating prominent men who are thought to hold Conservative opinions. The last few months have seen repeated instances of these violent and irrational outbursts. The authorities take no precautions to prevent such disturbances occurring, and, in consequence, these extreme Republicans, the majority of whom are young men, exercise a species of terrorism over peaceful citizens that is, to say the least of it, extremely detrimental to the moral and material progress of Brazil.

The financial condition of the Brazilian Government is most undoubtedly in a far from satisfactory state. Accurate statistics of revenue and expenditure are difficult to obtain, and not of any great practical value when forthcoming on account of the constant fluctuations in the value of the currency. The national Government have very little other source of income than the Custom-house duties. These, taken as a basis of calculation, show that a revenue of about £ 11,000,000 sterling can be raised annually under the existing system of taxation. Against this amount are the working expenses of the Administration, a sum of £ 6,000,000 sterling yearly for the service of all public obligations and debt charges, and, finally, additional expenditure for unforeseen contingencies, such as the expeditions sent against Antonio Conselheiro, or the purchase of warships and munitions. As a matter of fact, the expenditure has invariably exceeded the revenue for many years past, and deficits had to be confronted [...]

The economic development of Brazil is not progressing in a satis-

factory manner. Practically all the energies of the country have been devoted towards coffee cultivation, whilst cereals and other necessities of life have been imported from abroad. Little has been done and small enterprise shown in the encouragement and pushing of manufacturing interests. For the moment coffee gave better returns than any other product for the labour expended upon it, and hence where labour was available coffee cultivation was resorted to. The result has been the immense over-production already alluded to, and the difficult conditions of life consequent upon the necessity of purchasing food supplies from abroad when the currency has depreciated to its present rate. In former years the southern provinces of Paranagua [sic], Santa Catarina, and Rio Grande produced both wheat and beef for supply of the Rio de Janeiro and other northern markets. Now this supply is no longer forthcoming, the revolutions and other incidents of the past few years having caused these industries to be almost abandoned. In time, no doubt, many of these shortcomings will be remedied, but until that time arrives, Brazil has a hard row to hoe.

Le Temps, 25/7/1897

Brésil

Le correspondant du Times à Rio, qui transmettait hier la nouvelle, annoncée pour la troisième ou quatrième fois, de la prise de Canudos, le repaire des fanatiques de Bahia, par les troupes gouvernementales, télégraphie aujourd'hui que le fait n'est pas encore confirmé. Au contraire, le général Arthur Oscar, qui commande l'armée expéditionnaire de 8,000 hommes, demande de nouveaux renforts et des munitions dans le plus bref délai.

On nous écrit de Rio, le 7 juillet:

"Les lettres qu'adresse au Jornal do Commercio son correspondant militaire³⁸ sur le théâtre des opérations expliquent bien comment l'expédition n'a pu encore triompher des rebelles. Toutes les difficultés naturelles qu'on peut imaginer sont accumulées devant elle. L'armée, divisée en deux colonnes, opère dans une région déserte et stérile, coupée de gorges et de ravins propices aux embuscades des rebelles, qui ont élevé des retranchements sur les hauteurs qui dominent les passes donnant accès dans la vallée de Canudos. Les troupes marchent et campent sous une pluie torrentielle. Beaucoup d'hommes, atteints de fièvre intermittente, ont dû être laissés en arrière faute de moyens de transport et un certain nombre ont succombé. En outre, ces pluies ont fait déborder la rivière Vasa-Baris [sic] qui défend les approches de Canudos, ce qui a retardé le passage de l'armée. D'autre part, vu le petit nombre de bœufs, de mules et de voitures dont il

peut disposer, le général Arthur Oscar éprouve les plus grandes difficultés à assurer ses ravitaillements. Les communications avec sa base d'opération de Monte-Santo ne peuvent être maintenues qu'en faisant balayer continuellement par une partie de ses forces la route que cherchent à couper les rebelles embusqués. Enfin, l'artillerie et la cavalerie sont en partie paralysées par la nature du terrain.

Malgré cela, la colonne Savaget a enlevé brillamment à la baïonnette, le 25 juin, la gorge de Cocorobo e a opéré sa jonction avec le gros de l'armée. Celle-ci ayant occupé les hauteurs de Favella, a commencé, le 27 juin, le bombardement de Cañudos sans résultat jusqu'à présent, les fanatiques s'étant formidablement retranchés, disposant de munitions et de vivres en abondance et se montrant disposés à une résistance désespérée".

Vossische Zeitung, 8/10/1897:

[na 1ª página, sem título]

O governo brasileiro comunica oficialmente que as suas tropas tomaram a cidade de Canudos no Estado da Bahia e prenderam o líder dos fanáticos Conselheiro. Confirmando-se tal notícia — e desta vez ela surge de forma muito clara —, pode-se parabenizar então a República pelo sucesso, pois ainda há poucos dias as tropas governamentais foram rechaçadas diante de Canudos. O chamado bando de fanáticos ameaçava seriamente a República e entretinha estreitas relações com o partido monarquista. O deflagrador do movimento foi o "profeta" Antonio Conselheiro, sendo seu verdadeiro nome Antonio Maciel. O nome de Conselheiro ele só recebeu de seus sequazes [O nome é traduzido ao alemão como "Berather"]. Ele tem 63 anos e já desde o ano de 1875 vem pregando como profeta. Penitenciando um crime cometido dentro de sua família, do qual foi inocente, se sentiu levado para uma vida de anacoreta e para o fanatismo religioso. Depois de viver muitos anos de modo isolado e misantrópico, surgiu como pregador no interior do Estado da Bahia. Entre os habitantes pobres e ignorantes dessas regiões ele passava por santo, e logo tinha reunido tantos crentes ao seu redor que pôde fundar uma povoação própria. Nessa colônia ele imperou como príncipe absoluto, dispendo sobre a vida e a morte das pessoas. Recusou-se a pagar qualquer taxa ou imposto ao governo e expulsou os fiscais. Depois de alguns anos, Conselheiro desistiu da primeira colônia e fundou mais para o interior a cidade de Canudos. Hoje esta cidade conta mais de dez mil habitantes e possui várias igrejas com muralhas extraordinariamente resistentes. Todos os crentes andam sempre armados e também as mulheres são treinadas nas armas. Enquanto vigorou o Império, Con-

selheiro pregou apenas a salvação das almas, mas depois da introdução da República, ele a declarou obra do demônio e anunciou a volta de um príncipe que faria a monarquia resplandecer em um novo brilho. Realmente estava em contato com destacados monarquistas no Rio e provavelmente também com a antiga herdeira do trono, a princesa Isabel e o seu cônjuge, o Conde d'Eu. Mandou queimar todas as cédulas de banco emitidas pela República, só os antigos bilhetes com a efígie do Imperador sendo válidos em Canudos. Mesmo com toda a paciência, o governo brasileiro viu-se por fim forçado a marchar com o poder das armas sobre o chefe dos fanáticos, já que com a precária situação econômica ele ganhava diariamente multidões de adeptos. Primeiro mandou-se uma tropa de 400 soldados com vários canhões contra Canudos, sob o comando do major Febrônio de Brito. Ao cabo de uma viagem estafante, da qual 300 km foram feitos em estrada de ferro e 400 km a pé, a expedição chegou na região estéril, sem água. Um ataque fracassou e, tendo perdido todo o equipamento, apenas uns poucos soldados do destacamento chegaram à Bahia. Depois se preparou uma expedição militar de maior vulto. O coronel Moreira Cesar levou 1.600 soldados e uma bateria de artilharia contra a cidade do messias. Uma parte da cidade foi destroçada a bombas e balas, mas o coronel caiu morto e os fanáticos lutaram com uma bravura desesperada. Como gatos agarraram-se aos canhões e deixaram-se despedaçar. Repeliram o ataque e as forças do governo fugiram freneticamente, abandonando todos os canhões e a munição. Depois, em maio, dez batalhões e dois regimentos de artilharia comandados pelo general Oscar avançaram contra Canudos. Foram quase aniquilados e o general por pouco não chegou a ser preso. Depois cessaram as operações por algum tempo, até que em julho e agosto as forças legais sofreram novos reveses. Há poucos dias ainda notificou-se que um assalto contra a cidade dos fanáticos falhou. Se realmente os brasileiros triunfaram nos últimos combates, devem ter chegado lá com imensa superioridade, a não ser que tenha havido traição. Ainda se verá se o movimento termina com a prisão e provável execução do Conselheiro. Talvez o "messias brasileiro" tenha providenciado um sucessor.

Vossische Zeitung, 9/10/1897:América

Telegrama oficial proveniente do Rio de Janeiro e recebido pela legação brasileira em Berlim confirma que as tropas governamentais tomaram Canudos, acrescentando a notícia de que está morto o chefe dos "fanáticos", Antonio Conselheiro.

Le Temps, 8/10/1897:

Brésil

La quatrième expédition envoyée contre les fanatiques de l'Intérieur de Bahia viendrait enfin, dit une dépêche de Rio-Janeiro, après une campagne de six mois qui a mobilisé quatorze mille hommes et coûté à l'armée environ trois mille morts et blessés, de prendre Canudos, repaire fortifié des rebelles dans les montagnes.

Antonio Conselheiro, leur chef, serait prisonnier. Ce fait, plus encore que la prise de Canudos, car des bandes considérables de fanatiques se retranchaient sur d'autres points depuis le siège de cette place, paraît de nature à mettre fin à l'agitation dont cet illuminé était l'âme.

Le Temps, 10/10/1897:

Brésil

Le gouvernement brésilien confirme en ces termes la nouvelle que nous avons donnée de la prise de Canudos:

"Après une longue campagne dans laquelle plus de 3000 officiers et soldats ont été tués, blessés ou atteints de maladies, les troupes du gouvernement se sont emparées de Canudos, centre de résistance des fanatiques, dans l'État de Bahia.

Antonio Conselheiro, chef des fanatiques, que ses partisans croyaient être le Messie, se trouve parmi les morts."

Le Temps, 25/10/1897:

Brésil

Le New York Herald a reçu de son correspondant de Rio des détails sur la prise de Canudos, le repaire des fanatiques de Conselheiro, le Messie de Bahia, par les troupes brésiliennes.

L'armée ayant fermé le cercle d'investissement et l'artillerie abattu les murs des églises-forteresses des rebelles, l'assaut définitif fut donné. Les fanatiques opposèrent pendant plusieurs heures une résistance désespérée, mais la nouvelle de la mort de leur Messie s'étant répandue parmi eux, ils perdirent courage. A partir de ce moment, la bataille dégénéra en un massacre: des centaines de fanatiques tombèrent sous les balles des soldats qui les cernaient, d'autres plutôt que de se rendre, mettaient le feu aux maisons et se précipitaient dans les flammes; en outre 3,000 prisonniers ont été faits par les troupes qui ont achevé de détruire Canudos par le feu et la dynamite.

On a retrouvé, dans les rues de la ville, le cadavre de Conselheiro, entouré de ceux d'une centaine d'hommes de sa garde personnelle qui

s'étaient fait tuer en le défendant et qui étaient horriblement mutilés.

La rébellion peut être considérée comme complètement terminée.

The Times, 7/10/1897 BRAZIL

(From our Correspondent)

Rio de Janeiro, Oct. 6.

A telegram received to-day announces the capture of Canudos by the Government troops after continuous fighting for several days. The number of Fanatics captured was small. The losses on both sides were heavy. The Fanatic leader, Antonio Conselheiro, has not been captured.

The Times, 9/10/1897:

BRAZIL

Reuter's Agency has received communication of the following telegram received at the Brazilian Legation from the Minister for Foreign Affairs:

"Canudos, the stronghold of the Fanatics in the State of Bahia, has been captured by the Government troops after a long campaign, in which more than 3,000 officers and soldiers were killed, wounded, or invalided. Antonio Conselheiro, the chief of the Fanatics, whom his followers believed to be the Messiah, is among the dead".

NOTAS E REFERÊNCIAS

- 1 O título me foi sugerido pelo artigo de Flávio Aguiar, "O Sertão telegrafado. Crítica do livro *Essa terra* de Antônio Torres", Movimento, 14/6/1976; republicado em: Flávio Aguiar, *A palavra no purgatório. Literatura e cultura nos anos 70*, São Paulo: Ática, 1976, p. 116-117. O presente artigo baseia-se numa palestra proferida em 21/5/1997 no simpósio internacional: "O Movimento sócio-religioso de Canudos", realizado de 20 a 24 de maio no Instituto Luso-brasileiro da Universidade de Colônia, Alemanha. Devo a Janaína Telles e a Margarethe Steinberger importantes sugestões estilísticas.
- 2 Devo essa descoberta a uma sugestão do escritor Hans Christoph Buch.
- 3 Walnice Nogueira Galvão. "Os Sertões para estrangeiros". In: W.N.G.: *Gatos de outro saco. Ensaios críticos*, São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 71.
- 4 Na verdade, a Guerra de Canudos já foi tema de um romance traduzido para o alemão em 1954, ou seja: Lucien Marchal, *Der Magier des Sertão*. Roman. Wien, Berlin, Stuttgart: Neff, 1954, sendo o original francês: Lucien Marchal, *Le Mage du Sertão*, Paris: Plon, s.d. Este livro, porém, teve pouca repercussão na Alemanha e estava praticamente esquecido quando saíram as traduções alemãs de *La Guerra del fin del mundo* (*Der Krieg am Ende der Welt*), em 1982, e de *Os Sertões* (*Krieg im Sertão*), em 1994, ambas na editora Suhrkamp, de Frankfurt am Main.

- 5 O primeiro cabo submarino chegou ao Brasil em 1870; v. Kristina Michahelles / Marcelo Leite, "Presse, Funk und Fernsehen in Brasilien". In: Dietrich Briesemeister / Gerd Kohlhepp / Ray-Güde Mertin / Hartmut Sangmeister / Achim Schrader (orgs.), *Brasilien heute. Politik, Wirtschaft, Kultur*. Frankfurt am Main: Vervuert, 1994, p. 564-575. Nelson Werneck Sodré indica 1874 como ano em que notícias do exterior começaram a chegar via telégrafo ao Brasil: Nelson Werneck Sodré, *História da imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro: Graal, 1977, p. 247.
- 6 Euclides da Cunha, *Os Sertões*. Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão, São Paulo: Brasiliense, 1985, "Nota preliminar", p. 86.
- 7 Frei Pedro Sinzig, Diário inédito de um frade. In: E. Diatahy Bezerra de Menezes / João Arruda (orgs.): *Canudos. As falas e os olhares*. Fortaleza: UFC, 1995, p. 140-166.
- 8 Frei João Evangelista de Monte Marciano, Relatório apresentado pelo Revd. Frei João Evangelista de Monte Marciano ao Arcebispado da Bahia sobre Antonio Conselheiro e seu séquito no arraial dos Canudos. Bahia: Tipografia do "Correio de Notícias", 1895; edição facsimilada, apresentação de José Calasans Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1987. Publicado também em: E. Diatahy B. de Menezes / João Arruda (orgs.): *Canudos. As falas e os olhares*, Fortaleza: UFC, 1995, p. 126-139.
- 9 *Universidade do Estado da Bahia, arqueologia histórica de Canudos*, Salvador: UNEB, 1996, p. 71 ff.
- 10 Veja a nota nº 21.
- 11 Euclides da Cunha, *Os Sertões*, p. 537 f.
- 12 Veja as suas cartas ao poeta soteropolitano Pethion de Villar de 15 de maio de 1900 e de 6 de fevereiro de 1903. In: Walnice Nogueira Galvão / Oswaldo Gallotti (orgs.), *Correspondência de Euclides da Cunha* (ativa), São Paulo: EDUSP, 1997, p. 118 e 147.
- 13 Walnice Nogueira Galvão: *No calor da hora. A guerra de Canudos nos jornais: 4a expedição*. São Paulo: Ática, 1977, p. 76 ff.
- 14 Euclides da Cunha, *Os Sertões*, edição crítica de Walnice Nogueira Galvão, São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 473.
- 15 Um parêntese: Quem dizia que Canudos era uma conspiração monárquica, de certa forma a incluía na política nacional e até internacional, portanto na Civilização. Era talvez um jeito, caso houvesse sinceridade subjetiva, de tornar menos incompreensível um movimento inédito, enigmático para os letrados citadinos. Estes sabiam o que era monarquismo, de modo que a tese monarquista, embora pretendesse excluir Canudos da República e da Modernidade, pode ser interpretada não só como propaganda caluniosa, mas também como tentativa de lidar com um fenômeno desconhecido e perturbador, de desestranhá-lo, dando-lhe um rótulo familiar. Esta propaganda não se dirigiu aos canudenses que nem como objetos de agressão ideológica eram levados a sério. Era-lhes negada não só a cidadania brasileira mas de certo modo até a humanidade, sendo eles considerados quase sub-homens, seres com que não se falava, objetos de caça ou extermínio.
- 16 Ataliba Nogueira, *Antônio Conselheiro e Canudos*. Revisão histórica. A obra manuscrita de Antônio Conselheiro e que pertenceu a Euclides da Cunha. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974, p. 12, onde é citado Wolsey: "Aquella povoação proporcionava ao Estado pingue fonte de receita do imposto de exportação sobre peles". In: Cesar Zama (Wolsey), *Libello Republicano Acompanhado de Comentários sobre a Campanha de Canudos*. Bahia: *Diário da Bahia*, 1899, edição

- facsimilada do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, n. 139, Salvador: UFBA, 1989, p. 54.
- O livro de Ataliba Nogueira foi reeditado, acrescido de cartas e capítulo sobre a economia na vida dos canudenses, pela editora Atlas, de São Paulo, em 1997.
- 17 Euclides da Cunha, *Os Sertões*, p. 255. Esse trecho é uma adaptação do relatório do próprio Frei João Evangelista do Monte Marciano, veja nota 7.
 - 18 Cf. Euclides da Cunha, *Os Sertões*, p. 194.
 - 19 Euclides da Cunha, *Os Sertões*, p. 251.
 - 20 Roberto Ventura, "Canudos como cidade iletrada; Euclides da Cunha na urbs monstruosa", *Revista Canudos*, Salvador: UNEB, Centro de Estudos Euclides da Cunha, ano I, n. 1, p. 81-90.
 - 21 Por exemplo logo depois da guerra através do romance *Os jagunços* de Afonso Arinos, de 1898, (reeditado como: Afonso Arinos, *Os jagunços*, Rio de Janeiro: Philobiblion, 3. ed., 1985), veja também o artigo de Helmut Feldmann neste volume. Até certo ponto, também *Os Sertões* de Euclides da Cunha é uma tentativa nesse sentido. Quem deu realmente voz a A. Conselheiro, foi Ataliba Nogueira, veja nota no. 15.
 - 22 De Rui Barbosa até Fernando Henrique Cardoso, os liberais entre os dirigentes brasileiros volta e meia se solidarizam com os sertanejos mortos, restando saber se eles se empenham também pelos vivos. Cf. Robert M. Levine, *Vale of Tears. Revisiting the Canudos Massacre in Northeastern Brazil, 1893-1897*. Berkeley, Los Angeles, Oxford: University of California Press, 1992, p. 28; Fernando Henrique Cardoso, "Epopéia trágica tornou-se mito nacional. *Os Sertões* é mea-culpa de todo o país, que desabou sua fúria num punhado de miseráveis". *O Estado de S. Paulo*, 4/8/96, p. D 16.
 - 23 É notável, aliás, que, diferentemente do que ocorre hoje em dia, em todos os artigos da imprensa estrangeira de 1897 o nome de Antonio Conselheiro e quase todos os outros nomes próprios sejam reproduzidos corretamente, na grafia vigente da época naturalmente, p.e. sem os acentos e outras modificações introduzidas mais recentemente, como o circunflexo e com algumas consoantes duplas, lendo-se, portanto, Antonio, Commercio etc. Geralmente Conselheiro é mencionado sem artigo, como se fosse um nome próprio, e não uma antonomásia.
 - 24 Os artigos na *Vossische Zeitung* saíram nas seguintes datas: 12/3, 3/4, 3/6, 8/7, 11/7, 17/6, 23/7, 29/7, 30/7, 4/8, 10/8, 24/8, 11/9 (sobre as estradas de ferro), 4/10, 8/10, 9/10, 10/10.
 - 25 A maioria das representações diplomáticas da época tinham o estatus de legações, teoricamente inferiores às embaixadas, mas funcionando na prática como estas.
 - 26 As datas dos artigos no *Times* são 4/3, 8/3, 9/3, 10/3, 5/5, 8/6, 9/6, 10/6, 12/6, 9/7, 15/7, 23/7, 28/7, 29/7, 4/8, 18/8, 23/8, 24/8, 5/10, 7/10, 8/10, 9/10, (também 9/11, 11/11, 15/11, 11/12, 13/12).
 - 27 Os artigos de *Le Temps* saíram nas seguintes datas: 5/3, 9/3, 10/3, 12/3, 16/3, 31/5, 9/6, 10/6, 17/6, 2/7, 6/7, 9/7, 15/7, 24/7, 25/7, 29/7, 30/7, 31/7, 5/8, 20/8, 25/8, 5/10, 6/10, 8/10, 10/10, 14/10, 23/10, 25/10, (e fora do período examinado em 8/11, 9/11, 10/11, 12/11, 14/11, 16/11, 20/11, 20/11, no suplemento, 23/11, 26/11, 28/11, 30/11). De março a outubro 1897, há 28 artigos sobre o Brasil, quase todos muito curtos, a não ser os de 23/10 sobre economia, e de 25/10 sobre Canudos, que também é assunto do artigo de 8/11, sobre a crise depois do assassinio do marechal Bittencourt.
 - 28 Euclides da Cunha, *Os Sertões*, p. 378.

- 29 Walnice Nogueira Galvão: No calor da hora. A guerra de Canudos nos jornais: 4a expedição. São Paulo: Ática, 1977, p. 76 fl.
- 30 A tese do comunismo em Canudos, muito rara na época, aparece pela primeira vez, que se saiba, num artigo de *O País*, do Rio de Janeiro, no começo de 1897; veja: Edmundo Moniz, *Canudos: a guerra social*. Rio de Janeiro: Elo, 1987, p. 81. Euclides usa um conceito interpretativo mais tradicional, falando de “uma forma exagerada do coletivismo tribal dos beduínos: apropriação pessoal apenas de objetos móveis e das casas, comunidade absoluta da terra, das pastagens, dos rebanhos e dos escassos produtos das culturas”, Euclides da Cunha, *Os Sertões*, p. 237. O “regime da urbs”, o autor vê perfeitamente garantido por uma “polícia de bandidos”, ibidem, p. 140, p. 239 f.
- 31 O autor também parece ter conhecido a correspondência do *Times* de 12/6/97.
- 32 Veja Marco Antonio Villa, *Canudos: O povo da terra*, São Paulo: Ática, 1995, p. 219; Euclides, quando estava em Canudos, em setembro de 1897, afirmou em dois telegramas que o arraial tinha mais de 2.000 casas: Euclides da Cunha, *Canudos* (Diário de uma expedição). Introdução de Gilberto Freyre, Rio de Janeiro: José Olympio, 1939, pgs. 150 e 151.
- 33 A notícia da vitória do exército chegou em Monte Santo em 6 de outubro, às 7 e meia da manhã, por um mensageiro, e dali seguiu por telégrafo ao Rio, chegando só no dia 7 de outubro a notícia da morte do Conselheiro, exumado no dia anterior; veja Edmundo Moniz, *Canudos: A guerra social*, Rio de Janeiro: Elo, 1987, p. 252 f. A nova da queda de Canudos deve ter saído nos jornais brasileiros a partir dessa data, mas as próprias correspondências de Canudos, longas demais para o telégrafo, só chegaram a ser publicadas muitos dias ou semanas depois, como p.e. a de Fávila Nunes, escrita em 8 de outubro e publicada em 28 de outubro na *Gazeta de Notícias*. Veja Walnice Nogueira Galvão, No calor da Hora, p. 207.
- 34 Essa idéia paradoxal, difundida dentro do próprio exército, também é referida por Euclides da Cunha em *Os Sertões*, p. 496.
- 35 Nenhum jornal brasileiro ou estrangeiro fala, que eu saiba, do número exato de mortos, dando-se a entender que era mais alto do que o número real: menos de 1.100; v. José Augusto Vaz Sampaio Neto et alii (orgs.), *Canudos. Subsídios para a sua reavaliação histórica*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986, pgs. 37, 40, 44, 75.
- 36 *Postscriptum*: É interessante observar que Canudos constitui capítulo importante no livro de um jornalista alemão que passou vários anos no Brasil logo depois da Guerra de Canudos. Trata-se de: Heinrich Schüller, *Brasilien von heute. Ein Rückblick auf die Regierungszeit des Präsidenten Dr. Campos Salles*, Berlin: Dreyer, s.d. (talvez 1903 ou 1904; o título significa: O Brasil de hoje. Uma retrospectiva do governo do presidente Dr. Campos Salles). Se a Guerra de Canudos é contada logo no primeiro capítulo, em 27 páginas de um livro que tem 215 páginas em total, ocupando portanto um lugar de destaque, embora o evento não tenha ocorrido durante o governo de Campos Salles, isso pode ser atribuído a três motivos, pelo que me parece: 1. O relato serve para explicar ao público alemão a realidade brasileira, abalada profundamente e portanto até certo ponto caracterizada pela Guerra de Canudos. Esta, além disso, foi uma das muitas crises da presidência de Prudente de Moraes, pano de fundo sombrio, diante do qual o governo de Campos Salles se destaca como particularmente bem-sucedido e pacífico. Pois o livro é quase uma hagiografia de um santo secularizado, ou seja, do (ex-)presidente Campos Salles.

2. O autor parece empolgado pela dramaticidade dos eventos, cuja latente literariedade logo reconhece. Apresenta a comunidade de Canudos como um drama medieval, comparando-o ao movimento de Thomas Münzer, embora este tenha atuado só no fim da Idade Média; é, que eu saiba, a primeira vez que se faz essa comparação, mais tarde retomada por Edmundo Moniz no seu livro *Canudos: A guerra social*, p. 31. Parece que o autor alemão não leu com muita atenção nenhum dos livros escritos sobre Canudos até então, pois incorre numa série de erros sobre a geografia da Bahia e sobre a cronologia da guerra. Acha que um rio navegável liga Canudos ao mar, mantém a tese da conspiração monarquista, desmentida, depois da guerra, pelo próprio comandante-em-chefe Artur Oscar de Andrade Guimarães, exagera o número de soldados mortos etc. Porém conta com bastante plasticidade e talento narrativo, embora com vários erros factuais, a história da 3ª e da 4ª expedição, naturalmente silenciando as degolas e outras barbaridades cometidas pelos militares. O incêndio de Canudos inspira-o a uma visão trágica e à metáfora do inferno, bastante comum nos relatos sobre Canudos.
3. O autor parece adivinhar o papel central que a Guerra de Canudos está adquirindo para a constituição e para a auto-interpretação do Brasil moderno, passando quase a assumir o caráter de um evento fundador da República.
Não há indicação de fontes, mas é de supor-se que o livro se baseia em informantes e relatórios próximos do exército e do governo, havendo indícios de que o autor leu o livro de Dantas Barreto, *Última expedição a Canudos*, Porto Alegre: Franco, 1898.
- 37 A tradução dos artigos alemães para o português é do autor desta comunicação, baseando-se a do artigo do *Vossische Zeitung* de 8/10/1897 numa versão parcial de Marcus Mazzari, publicada em: Berthold Zilly, "Euclides da Cunha na Alemanha", *Estudos Avançados*, n. 26, São Paulo: USP, 1996, p. 329. Erika Carneiro me ajudou a encontrar os artigos de *The Times*.
- 38 Tratava-se de Manuel Benício, talvez o mais arguto correspondente de guerra, ameaçado pelos militares e obrigado a abandonar o teatro da guerra na segunda quinzena de julho, justamente por suas críticas à inépcia e desorganização do exército.